

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º de entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 669	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	3900	120	30 DE JULHO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Quando no inverno as noites muito longas e preciso entretel-as, porque os poucos trabalhos no campo obrigam os homens a dormir as manhãs na cama, e em volta da lareira, onde arde o grosso tronco de azinho que, se já vão esgotados os assumptos de aldeia, enquanto o vento sopra lá fóra e entre aromas escuta-se a panella chocalheira, se inventam os contos novos e a tradição vai conservando os velhos.

O verão na cidade é n'isso como o inverno nos campos. Era ás vezes preciso inventar ou repetir.

Quem me dera ter aqui um d'esses contos bem longos, que me enchesse estas columnas, sem que eu lançasse mão do assumpto de não ter assumpto, já tão gasto, já tanto no fio, assumpto que foi de tanto folhetim, de tanto soneto tão sem espirito.

Acudisse me agora aqui o meu amigo Antonio Gonçalves, regedor de Santa Luzia, com alguns d'aquelles seus contos tão cheios de graça e bem rimados, cujos heroes viajam por paizes tão fantasticos que um d'elles até vai dar ás Indias do bacalhau.

O verão corre muito falho de incidentes e de assumptos interessantes, como se n'este tempo adormecessem paixões, desejos, ambições. O verão, meio do anno, é no anno o que é no dia o meio dia.

Cai tudo n'uma somnolencia, como por esses campos a essa hora do sol. Calam-se os passaros occultos nas sombras dos arvoredos, na nesga de sombra dos beirões dos telhados agacham-se as galinhas, dormem os cães estirados e as arvores immoveis parecem dormir tambem sob o enorme peso de calor hypnotizadas por tanta luz. Nos pateos das herdades não se ouve uma respiração e até as carroças, de varaes para o ar, parecem ter adormecido n'um espreguicamento.

A epoca vae falha de assumptos, e n'esses mesmos de que se trata fala-se preguiçosamente, somnolentemente, como coisa que não ha de vir ou que vem longe, perguntas sem resposta, respostas que nada affirmam.

Ordem publica. — Então que ha? pergunta-se. Apenas responde um encolher d'hombros. Diz-se. Mas ninguem ouviu senão a mesma pergunta repetida por todos. — Então que ha?

Fala-se um pouco de politica, boceja-se ás portas dos cafés, onde, de quando em quando, chegam de longe umas revoadas de sons metallicos de banda que toca em S. Pedro d'Alcantara. — Então que ha?

Estão fechados quasi todos os theatros de Lisboa. Apenas se acham funcionando o theatro da Trindade, que obteve um certo exito com o *Principe Rubim* e o da Rua dos Condes, que brevemente deve pôr em scena o *Pif-Paf*.

Mas não é esta decerto a melhor epoca para as empresas theatraes, agora que Lisboa se acha rodeada por linhas ferreas e que os tranvias por preços baratissimos levam para fóra da cidade todas as tardes a maioria dos habitantes remediados.

O verão, ainda ha meia duzia de annos, compensoou muitas empresas theatraes dos desastres do inverno; mas então não havia essa quantidade

de comboios que em menos de uma hora distribuem passageiros por todos esses logares até Cintra, Cascaes e Sacavem. Bastará dizer-se para provar o augmento da affluencia dos viajantes que a Companhia dos Caminhos de Ferro reembolsou-se no primeiro anno de toda a despeza que fez no prolongamento da linha desde Alcantara até ao Cnes do Sodré.

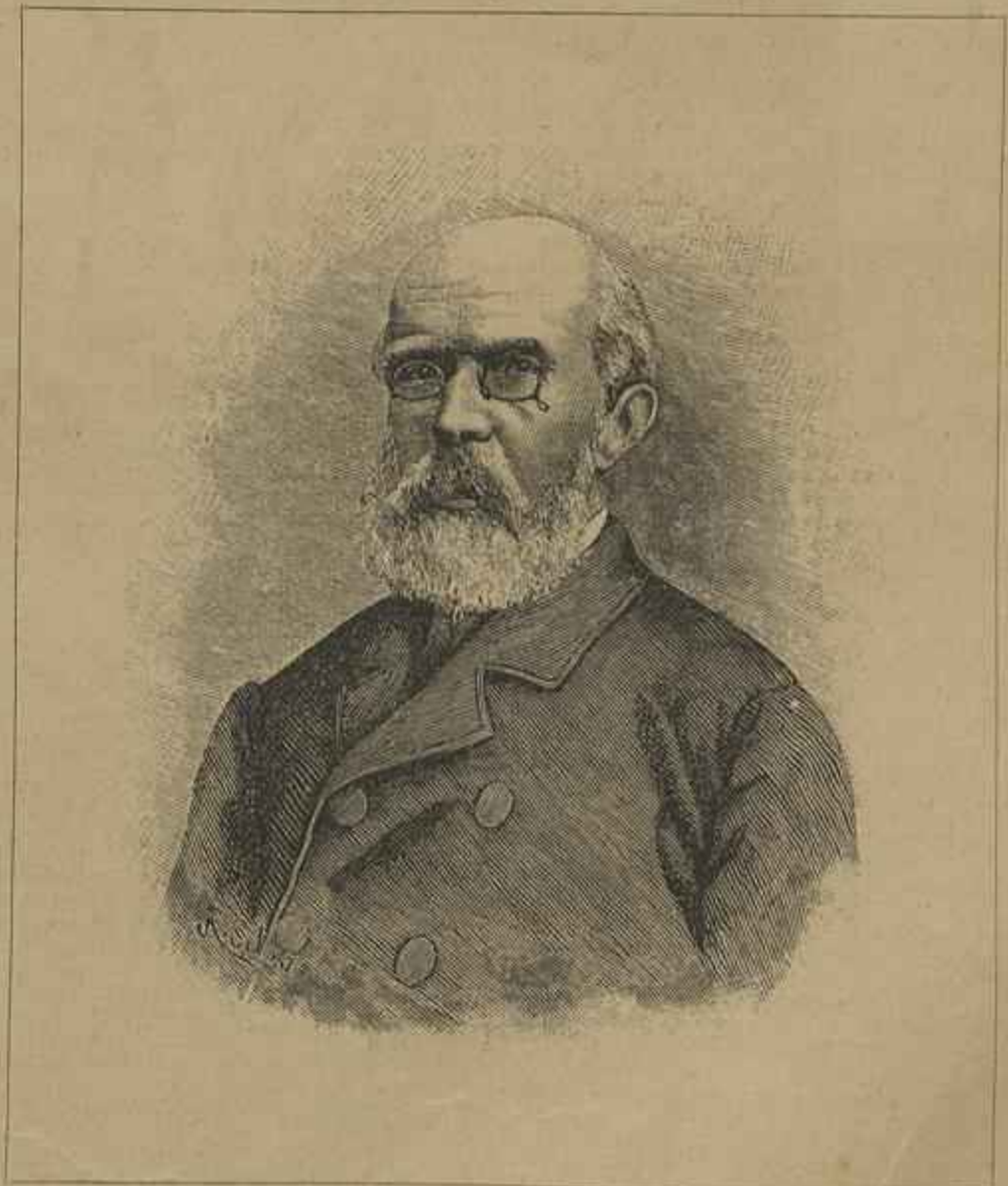
O unico divertimento, que atrahê a Lisboa alguma concorrência e traz á capital por algumas horas os que estão em villegiatura nas cercanias, são as toiradas, que ainda constituem o espectáculo predilecto de todas as classes da sociedade.

E assim é com razão, pois nada ha mais alegre, mais promotor de entusiasmo do que uma d'essas corridas, infelizmente hoje tão raras, em que um grupo de artistas realmente merecedores d'esse

nome, como o são muitos dos hespanhoes que ultimamente teem vindo á Praça do Campo Pequeno, encontra na arena um curro de primeira ordem, prestando-se a que demonstre todos os recur-os que possuem e que a boa escola e longa pratica lhes ensinou.

Não falaremos dos cavalleiros, porque os temos eguaes aos melhores dos tempos passados; mas em alguns bandarilheiros portuguezes nota-se com alegria o aproveitamento que teem tido com as lições de tão extraordinarios mestres. Quizessem os nossos lavradores cuidar um pouco mais no apuramento das raças taurinas e poderiamos ver mais uma vez uma d'essas magnificas toiradas á antiga portugueza como as dos saudosos tempos da velha Praça do Campo de Sant'Anna.

E, só porque falámos em espectáculos, uma pe-



FRANCISCO ANGELO D'ALMEIDA PEREIRA E SOUSA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho.)

quenina menção da feira de Belem que vai acabar uma d'estas noites e da feira de Alcantara que vai começar um dia d'estes.

De resto sempre a mesma coisa, que o progresso parece querer pouco com ellas: o mesmo cheiro a azeite nas barracas de comidas, as mesmas malagueñas nos cafés das camareiras, os mesmos discursos e as mesmas fanfarras ás portas dos theatros e até nas barracas de quinquilharias os mesmos carros sarapintados e os mesmos cavallinhos de papelão, que, puxados por uma linha, foram o encanto dos nossos bisavós pequeninos.

E por toda a parte, nos comboios, nos theatros, nas praias, em Bemfica, nos Oliveiros, nos toiros, nas feiras, a mesma pergunta — O que ha? — e a mesma resposta — o encolher dos hombros.

Anda uma coisa no ar, disse um dia o bispo de Vizeu, e o dito ficou celebre.

Mas esses boatos, contra todas as leis da phisica, não se avolumam, não se dilatam com estes medonhos calores, que parecem só ter chocado em todos os cerebros e coraçãoes um preguiçoso indifferenti-mo.

Pois anda uma coisa no ar, anda. D'esta vez, se o podesse repetir, teria razão o bispo de Vizeu.

Núvens não faltam; cirrus em Portugal, cumulus na Europa.

Pouco teem ultimamente commovido a opinião os negocios do Oriente. A Grecia perdeu muitas das sympathias que a principio inspirava o seu enthusiasmo. O sultão por fim cedeu aos desejos manifestados pelas seis grandes potencias.

A paz assigna-se; mas naca assegura aos christãos, que vivem no Oriente barbaro, que não hajam de soffrer novas violencias, as horribéis torturas do grande poder dos islamistas. A causa que foi razão da primeira campanha vive e ha de viver, que a lucta tem que durar seculos. Muitos gastou o Occidente para pôr fóra de suas fronteiras os sectarios de Maomé, que ali estão mais em sua casa. No ultimo reducto, que ainda conservam na Europa e pensam alargar, ha de ser mais cruenta a guerra. Não é uma paz que se assigna, é um simples armistício por annos, por mezes, talvez apenas por uns dias.

D'outra lucta, essa mais seria com certeza, se falla como possível O Japão levanta a cabeça contra certas intimações dos Estados Unidos.

Foi publicado ha tempos por varios jornaes um desenho do imperador da Alemanha em que eram representadas as principaes nações da Europa, faceis de reconhecer pelos trages das figuras allegoricas, ás quaes se apontava o extremo Oriente, exigindo-se lhes união e força contra o maior perigo commum.

É lá effectivamente que elle existe. É n'essa China immensa e populosa, é n'esse Japão, ainda não ha quatro seculos completamente ignorado e que hoje se prepara para muito brevemente ser uma das nações que hão de dictar as leis ao mundo.

Bastará que a China lhe siga o exemplo e a Europa terá que tremer pela segunda vez deante d'uma invasão d'aquelles lados. Por enquanto pode o temor começar-lhe pelo futuro da sua industria, do seu commercio; mais tarde ha de tremer pela sua liberdade e tradições.

Foram os portuguezes os primeiros que aportaram aquellas praias longinquoas; e tão extranhos eram para nós aquelles habitos, aquella civilização, aquella religião, aquelles actos, que o primeiro que ousou descrever-os, o que soube fazer em paginas encantadoras, Fernão Mendes Pinto, viu o nome trocado por uma alcunha tão injusta quanto sem graça: Fernão Mendes? Minto.

Não lhe deram mais credito do que ao Barão de Munchausen.

Quem diria ao grande e infeliz escriptor portuguez que uma epoca chegaria em que esses grandes imperios, que elle tão bem soube descrever, haviam de pesar tanto na balança do equilibrio do mundo?

Um d'elles, o Japão, transformou-se completamente, o outro, mais arreigado ás tradições, faz-nos parecer d'antes d'hontem o livro de Fernão Mendes. Quando elle seguir as pisadas do seu visinho d'além do estreito, meditemos no desenho allegorico do grande imperador.

João da Camara.

PEREIRA E SOUSA

Meu prezado Caetano Alberto. — Pede-me v., insta e exige, que lhe escreva algumas linhas, que devam acompanhar o retrato do sr. Pereira e Sousa, dignissimo contador da Imprensa Nacional de Lisboa. A pessoa não pôde ser mais distincta e mais conspícua para figurar na vasta e honrosa galeria com que v. tem abrilhantado e opulento

as paginas do OCCIDENTE; o Plutarcho escolhido é que é bastante humilde. Liga-me contudo a v. amizade inquebrantavel de tao longos annos; e confesso que tenho em tamanha veneração a pessoa, de quem se trata, que não sei que desculpa lhe hei de apresentar para lhe desobedecer, nem que fórmula de supplica negativa lhe hei de endeçar para ter o devido deterioramento.

Faça-se lhe a vontade, meu caro amigo e antigo companheiro de lidas litterarias e artisticas; e receba-me esta nota, com as suas lacunas e deficiencias, porque estava longe de ter que a escrever em limitado espaço pelas urgencias da impressão da sua excellente revista.

O sr. Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa é natural de Lisboa e nasceu a 2 de fevereiro de 1827.

Muito novo, e depois dos estudos preparatorios para o ensino superior, entrou como amanuense da contadaria da Imprensa Nacional de Lisboa, onde tem seguido, sem favor, mas sómente por seus merecimentos e serviços, a carreira, por modo que e ao presente não só o primeiro no quadro, mas o mais graduado, por isso que exerce as funções de contador, o immediato ao administrador geral, cujo cargo desempenha nas ausencias e nos impedimentos d'este alto funcionario. Tem, portanto, mais de 50 annos de exercicio na Imprensa Nacional e creio que não ha ali hoje empregado mais antigo. Com maior numero de serviços, não, com certeza.

O sr. Pereira e Sousa dedicou-se em verdes annos ao cultivo das letras, e assim posso indicar que em 1844 saia da sua penna uma versão do *Aventureiro ou a Barba Azul*, romance de Eugenio Sue; e em 1846 vem-o figurar á frente de uma publicação litteraria, *A Aurora*, de vida ephemera, mas denunciadora de uma vocação decidida e de fino talento. E tanto assim, que em 1848 entrava com o estimado gravador Baptista Coelho na fundação da *Revista Popular*, que durou alguns annos, de 1849 a 1852, e pôdia brilhar pela variedade de sua leitura e pelo intuito de propaganda instructiva á par do *Panorama*, dirigido por Alexandre Herculano.

A *Revista Popular*, na qual collaboraram o poeta Gonçalves Lima, o erudito professor e academico Latino Coelho, o professor e economista Fradesso da Silveira, veio a pertencer a este ultimo e depois a Sebastião José Ribeiro de Sá.

Saindo da *Revista* o sr. Pereira e Sousa foi convidado pelo conhecido editor Lopes, o fundador da livraria da rua Aurea a que succedeu o intelligente e estimado livreiro editor Manuel José Ferreira, — foi convidado, repito, para dirigir a continuação do *Panorama*, que estava em nova série depois de uma interrupção de algum tempo.

Passados annos, foi o nosso biographado substituir a José de Torres na direcção do *Archivo pittoresco*, que patrioticamente fundaram Vicente Jorge de Castro e Thomaz de Aquino Gomes. Entre os directores d'essa publicação figuraram, como se sabe, Antonio Feliciano de Castilho, Antonio da Silva Tullio, Ignacio de Vilhena Barbosa, e, como auxiliar na direcção d'este ultimo, a pessoa que escreve estas linhas.

Depois ainda, para não fugir aos labores periodísticos em que se lhe iam horas e horas, que podia entregar á serenidade do animo e á paz domestica, entrou com enthusiasmo e collaboração assidua na *Federação*, folha industrial dedicada ás classes operarias, que durou sempre correita e brillantemente redigida, dez annos, de 1856 a 1866. Nesta folha teve por auxiliares e companheiros alguns dos empregados mais intelligentes e considerados da imprensa nacional, taes como José Mauricio Velloso e José Antonio Dias, já falecidos; e José Augusto da Silva e Antonio Joaquim de Oliveira, ainda vivos, felizmente.

Não se esqueça que no *Almanach popular*, apreciavel livrinho publicado para os annos de 1849 a 1852, com Philippe Folque e Fradesso da Silveira, o nosso querido biographado teve uma parte notavel na redacção.

Vê-se, pois, que o sr. Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa viveu sempre na mais considerada convivência com os homens mais eminentes nas letras e nas sciencias, e que a amizade que lhe dedicavam não era senão o justissimo preito devido á pureza do seu caracter, á sua probidade inconcussa, aos seus estudos e merecimentos.

Mas, julga v. que elle se desvanecia, se lançava loas, se collocava em evidencia para atrahir a attenção e não escapar das auras populares, ás vezes postizas e ephemeras, — e conquistar sympathias; se, enfim, se empenhava para que o louvassem com reclamos da propria lava, — o que v. muito bem sabe que não tem sido raro, nem o será —; julga isso? Engana-se.

O numero de artigos publicados nas diversas revistas ou semanarios, a cuja collaboração tem pertencido, é incalculavel. Seria difficilissimo fazer o simples catalogo. Se pudesse fazer-se, ver-se-hia o saber, a erudição, o valor litterario, do sr. Pereira e Sousa. Porque a maior parte dos seus escriptos, historicos e estatísticos, tem saído á publicidade occultos no denso nevoeiro do anonymo ou na estonteadora indicação de uma inicial. Uma adivinção. E tanto mais labyrintado, quanto era certo que, ás vezes, se negava a dizer se o escripto era seu d'elle ou não. Nunca vi modestia assim. Porém estava em harmonia com o seu animo concentrado, melancolico, recolhido como o de um anachoreta, pensativo como o de um sábio, mas sem a ausencia de nenhuma das grandes qualidades e virtudes que tornam o homem bom e generoso, e o cidadão prestante á nação.

Quer v. ver o sr. Pereira e Sousa mudar de aspecto, como quem transforma a indole n'um crisol do bem, tornar-se um tanto saliente, levantar os olhos e brilhar-lhe um sorriso nos labios? Falle-lhe em acudir á uma desgraça, ou favorecer um acto de justiça, em tornar mais prospera a associação typographica, de que tem sido um dedicado presidente e um desvelado protector; e em trazer mais algum melhoração ao trabalho muito valioso da Imprensa Nacional; falle-lhe em algum d'estes assumptos, que o commovem, que lhe fazem bater com vehemencia o coração povoado de bondade, que elle sabe occultar, e o sr. Pereira e Sousa parecer-lhe ha outro. Nada ha bom e generoso que não tenha o seu applauso, e que é de muito valor.

Entre as obras, que posso mencionar porque sei que saíram de suas mãos e foram o fructo de horas de vigílias, citarei *As duas Dianas*, 9 tomos, traduzidos de Alexandre Dumas; *O judeu errante*, 5 tomos, traduzido de Eugenio Sue; *A peccadora*, traduzido de Paulo Féval; e *O que quer o povo, situação presente*, folheto politico impresso em 1846. Junte-se a estes trabalhos dois romances originaes *Leonor* e *Grimosa ou infeliz*, e um proverbio tambem original *Não ha mal que se não cure*, escriptos para a *Revista popular* e ahí insertos.

Todos os *Esclarecimentos*, *Noticias*, *memorias e informações*, acerca da Imprensa Nacional de Lisboa, impressos com nitidez e luxo, dando conta em diversas épocas e por occasião de exposições internacionaes dos progressos d'aquelle importantissimo estabelecimento, cujos productos appareceram muito bem no estrangeiro e alcançaram com justiça, medalhas e louvores, são da lava do sr. Pereira e Sousa e tiveram ampla publicidade em francez e em inglez, e demonstraram mais uma vez, e sem favor, os elevados dotes do illustrado e exemplar funcionario que os redigiu; e que na collecção e disposição dos productos teve conselhos e ralações superiores a qualquer elogio. Foram bem notorios esses serviços.

São tambem d'elle muitos e valiosos documentos, relatorios, exposições, discursos inaugurales, da caixa de soccorros da Imprensa Nacional e da Associação Typographica Lisbonense, que o considera como o seu primeiro socio benemerito e protector, testemunhado e multiplicado em serviços de muitos annos de presidência!

Desde 1870 que é correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e os seus escriptos tem sido sempre mui bem considerados pelos redactores e pela empreza d'aquella opulenta folha, entre os quaes se conta o sr. Picot, eleito ultimamente para a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Ornam-lhe o peito duas condecorações: o grau de cavalleiro da ordem italiana de S. Mauricio e S. Lázaro, concedida em 20 de outubro de 1864; e o grau de official da ordem portugueza de S. Tiago, do merito scientifico, litterario e artistico, por decreto de 4 de abril de 1861. Nem uma, nem outra condecoração, solicitou.

No dia 2 de fevereiro d'este anno, um grupo de empregados da imprensa nacional, seus amigos e admiradores, deram-lhe nova prova de amizade e consideração offerecendo-lhe as insignias de officialato e uma linda pasta com a felicitação pelo anniversario natalicio.

Meu prezado Caetano Alberto, não sei se lhe escrevi para o seu OCCIDENTE, um esboço, ou um perfil moral. Não passei todavia de uma breve e humilde nota, que aproveitará como entender. Juro-lhe que disse a verdade, e sinto que não a pudesse pôr nas paginas da sua excellente e afamada revista em linguagem mais pulida e attraente, e menos pallida.

Sempre seu admirador e amigo affectuoso

Brito Aranha.

AS NOSSAS GRAVURAS

O SALÃO «PORTUGAL» NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Foi n'este salão, o maior de Lisboa, onde a Sociedade de Geographia tem installado o seu precioso museu, e onde celebra as suas sessões solennes, que no dia 8 do corrente teve lugar a sessão com que El-rei inaugurou a nova sala d'esta Sociedade, no grandioso edificio da rua de Santo António.

A nossa gravura mostra a grande sala no acto da sessão real, e é copia de uma primorosa photographia do nosso bom amigo e talentoso artista sr. João F. Camacho, que n'este trabalho, como em todos que sahem do seu atelier da rua Nova do Almada, affirma a proficiencia e fino gosto com que ha mais de 30 annos exerce a photographia em Portugal.

A grande sala, que a Sociedade de Geographia acertadamente denominou *Salão Portugal*, impõe-se ao visitante, tanto pela sua grandeza e bella decoração, como pelos preciosos documentos que encerra da expansão colonial portugueza, desde as variadas colleções de productos colonias que, em bem ordenada classificação, se guardam nos armarios envidraçados que guarnecem o salão e galerias, até a sobre-cimalha do tecto, onde se vêem, em volta de toda a sala e em letras d'ouro, os nomes dos principaes navegadores portuguezes.

A luz entra a jorros pelas janellas e columnatas que formam a frente para a rua de Santo António, e por tres grandes claraboias abertas no tecto, que illuminam a sala tanto a fôrta, como se ella tivesse janellas por todos os quatro lados. Além d'isto, as pinturas interiores, de tons claros e finos, mais fazem realçar e reflectir a luz que recebe do exterior. Para illuminar a sala de noite, tem candelabros para luz de gaz em volta das galerias; e já que fallamos n'esta illuminação, convém notar que, tendo a direcção querido contractar com a Companhia do Gaz e Electricidade o fornecimento de luz electrica, a dita companhia a não pôde fornecer!

Dois galerias correm em volta de todo o salão, para as quaes se sobe por duas duplas e elegantes escadas aos topos do salão, ladeadas de varandas de ferro, forjado de bom desenho. Grades eguaes guarnecem as duas galerias, apoiadas sobre elegantes columnellos de ferro. A cada columnello corresponde na primeira e segunda galeria braços, fundidos em ferro e pintados com as cores proprias, pela seguinte ordem: Na primeira galeria os braços de Vasco da Gama, Nicolau Coelho, Affonso d'Albuquerque, Almeidas, governadores da India, João Gonçalo Zarco, da familia dos Camarás, Duarte Pacheco, Perestrello, Corte Real, Fernão Gomes, Diogo Cão, Pedro Alvares Cabral, Gonçalo Velho. Nos topos vê-se, n'um, o escudo do fundador da monarchia, D. Affonso Henriques; n'outro, o escudo das armas reais de agora. Na segunda galeria, os braços das cidades de Lisboa, Porto, Ponta Delgada (Açores), Goa (India), Praia (Cabo Verde), Benguella, Coimbra, Mocimboque, Loanda, Evora, Funchal (Madeira), Macau.

Deu o desenho para estes escudos o architecto sr. José Luiz Monteiro, sendo pintados na escola industrial de Affonso Domingues, de Xabregas; sob a direcção do sr. João Vaz, conforme aguarellas do sr. J. R. Christino, feitas á vista dos livros de armaria que se guardam na Torre do Tombo.

Os nomes que se lêem junto ao tecto, em volta de toda a grande sala, em caracteres mixtos do seculo xv a xvii, relevados e dourados, são trinta e quatro dos principaes navegadores portuguezes, e ou que pelo menos representam a nossa grande expansão colonial desde a descoberta da Madeira até a da Polynesia, por Queiroz: Gonçalo Zarco, descobridor da Madeira com Tristão Vaz Teixeira, em 1419-1420; Gil Eannes, Gonçalo Velho, Diniz Fernandes, Nuno Tristão, Vicente de Lagos, Pedro de Cintra, João de Santarem, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Corte Reaes, Alvares Cabral, João d'Aveiro, Diogo Cão, João Lavra-

dor, João da Nova, Lourenço d'Almeida, Tristão da Cunha, Alvaro Telles, Fernão Soares, Lopes de Sequeira, Francisco Serrão, Antonio d'Abreu, João de Soliz, Duarte Coelho, Perea d'Andrade, Alvaro Fagundes, Fernão de Magalhães, Gomes de Sequeira, Jorge de Menezes, Martin de Sousa, Francisco de Castro, Antonio da Motta, Pedro de Queiroz.

No topo da sala e á direita da meza da presidencia, vê-se, collocado obliquamente do tecto sobre a primeira cimalha, um grande planispherio a toda a largura, onde se desenha a expansão colonial portugueza, até onde chegou este pequeno paiz do Occidente, tendo por baixo este verso de Camões:

«Por mares nunca d'antes navegados.»

A um lado d'este planispherio está desenhada a prôa de um galeão, com as velas de ávante enfonadas e onde se vê a cruz da ordem de Christo na vella grande. Do lado opposto está desenhado um padrao, dos que os navegadores portuguezes collocavam nas terras que descobriam, e por cima do padrao lêem-se as datas de: 1498-1898, correspondentes respectivamente á chegada de Vasco da Gama a Calecut e ao quarto centenario da descoberta. Ao centro do grande mappa destacam-se, a cores mais ou menos intensas, o desenho dos dominios portuguezes d'além-mar, destacando-se ainda uma linha mais vizível do que as outras, indicativa da primeira viagem de Vasco da Gama á India, ou descoberta do caminho marítimo para lá chegar.

Dirigiu a feitura d'este planispherio o sr. Ernesto de Vasconcellos, pelo que lhe cabe muito louvor.

A meio da sala e do lado das janellas está a meza da presidencia sobre um duplo estrado, n'um recinto fechado por uma elegante grade de ferro que resguarda um espaço conveniente em volta da presidencia.

Por detrás d'este recinto e entre a columna central, ergue-se uma estatua do infante D. Henrique, reprodução da que está na porta lateral da igreja dos Jeronymos. Ainda n'este mesmo ponto da sala, mas na altura da segunda galeria, está suspensa entre duas anas do tecto, uma vigia primorosamente entalhada, que foi do palacio dos nossos vice-reis em Goa, e que o sr. Ferreira do Amaral trouxe na sua ultima viagem á India, conjuntamente com o tumulo de Affonso d'Albuquerque, que já foi reproduzido nas paginas do *OCCIDENTE*¹. É uma preciosa reliquia que o valoroso official salvou de perda certa e que veio enriquecer o museu da Sociedade de Geographia, onde aliás se guardam já tantas reliquias do passado.

Aos lados da presidencia estão dois armarios forrados a veludo carmezim, onde se vêem pontas de marfim de grande comprimento, sendo algumas lavradas. Entre ellas destaca-se uma de grande comprimento e quasi direita, que é um exemplar raro, e por isso mesmo de inestimavel valor.

Nos armarios envidraçados que guarnecem as paredes do salão, tanto no pavimento geral como nas galerias, estão expostos pela melhor ordem os productos naturaes das colonias portuguezas e os das industrias indigenas. Ali se podem avaliar os legumes e outros fructos conservados, o café, o algodão, o tabaco, a borracha e as especiarias; as madeiras, de uma variedade e riqueza extraordinarias, representadas em cerca de 1:500 amostras, os minérios e as drogas, uma infinidade de productos, que pena é não tenham sido melhor explorados e aproveitados pelo nos so commercio e industrias.

Está ali a prova mais frisante de que uma nação que possui tão ricos paizes, se não pôde considerar pobre, e antes devia fazer á inveja das outras, se, em vez de uma grande parte d'este povo se enervar e passar a vida a mendigar um logarzinho á meza do orçamento, alargasse as vistas para aquelle mundo, que tambem é terra portugueza, e lá fosse empregar a sua actividade, a valorisar e multiplicar as riquezas d'aquelle umbermo solo.

Estes productos encontram-se nos armarios da sala e da primeira galeria. Na segunda pôde vê-se colleções curiosissimas, como a oferecida pelo sr. visconde de Valmor, de loiças de barro da Hungria e outros povos da Austria; colleções de productos das colonias francezas e de Holub, etc.

Se a isto accrescentarmos a grande quantidade de instrumentos, ferramentas, e outros utensilios

africanos, indianos, das differentes possessões portuguezas; de grande variedade de armas gentilizas, escudos, feiticos, manipansos e imagens das divindades indianas até, que tudo dá idéa dos costumes e vida d'aquelles povos, temos a colleção mais curiosa e interessante que se pôde vêr e que completa perfeitamente o museu da Sociedade de Geographia.

Muitas outras salas, e em grande quantidade, se contam no novo edificio da Sociedade de Geographia, que bem se pôde considerar o melhor edificio de Lisboa moderna, e é fóra de duvida que no estrangeiro nenhuma Sociedade d'esta natureza está installada em edificio mais vasto e mais sumptuoso.

SONHANDO. — QUADRO DE TAMBURINI

Sonhando é o titulo que o auctor deu ao seu quadro, uma formosa cabeça de mulher, que se deixa adormecer, contemplando a flôr que ora lhe cae d'entre os dedos que a sustinham.

Saber o que aquella gentil cabecita está sonhando, seria advinhar o que se passa no coração da mulher, que a vista mais perspicaz não pôde penetrar.

Só podemos admirar na belleza da pintura a belleza da mulher que Tamburini reproduziu no seu bello quadro.

O GUERRILHEIRO

Esse homem que a gravura representa de espada ao lado, uma pistola na cinta, outra na mão apontada talvez contra o inimigo ou em necessario exercicio ao alvo, é o verdadeiro typo d'um d'esses guerrilheiros que tão celebres na Peninsula se tornaram, na historia das nossas guerras politicas e, no principio d'este seculo, contra as tropas.

Não havia maneira de obrigar-os a dar batalha em campina rasa. Combatendo sempre em forças inferiores, consistia a tactica dos guerrilheiros em aproveitar favoravelmente as circumstancias do terreno e o menor descuido que fraccionasse as forças do exercito inimigo. Appreciam quando ninguem os esperava; por momentos sahiam da emboscada, faziam seu tiroteio e logo desappareciam, como por arte magica, conhecidos elles só dos caminhos atravez das montanhas e das clareiras das mattas, onde espias de confiança lhes iam todos os dias contar os projectos dos adversarios, a estrada que haviam de seguir.

É tradicional a arte dos peninsulares para essas guerras de surpresa, em que as primeiras virtudes do soldado são a audacia e a descripção. Não ha preso que revele o segredo do chefe.

Essa sciencia militar tão nossa e que os americanos aprenderam com os hespanhoes, deulhes agora a estes os mais terriveis inimigos em Cuba, os mais difficeis de vencer.

O guerrilheiro conta sempre com a amizade, dedicação politica ou patriotismo dos seus patriotas. Tem sempre nas aldeias quem o soccorra com dinheiro, munições e viveres para as tropas, abnegações que nunca hão de ser pagas.

Pode o general inimigo vasculhar a aldeia toda, não ha de encontrar velho, mulher ou criança, que, sob o terror da ameaça, revele o segredo do capitão da guerrilha. Que é feito d'elle? Quem d'elle ouviu falar? Ninguem sabe do capitão, provavelmente muito longe, escondido nos altos rochedos de granito ou morrendo de fome nas mattas de sobreiros.

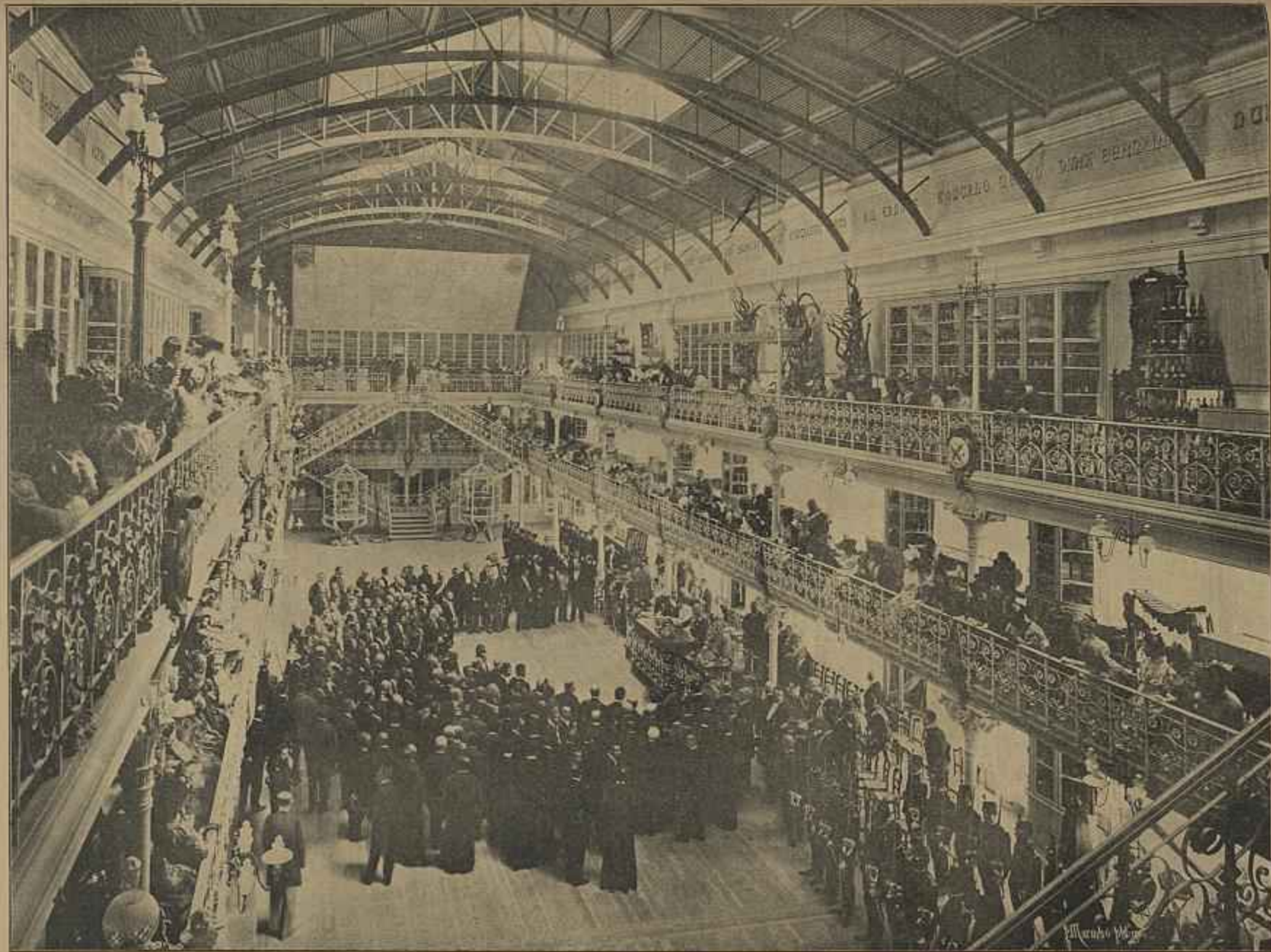
Mas que o general das tropas regulares não vá por isso marchar cheio de confiança. O guerrilheiro espanta-o, avisado sempre. De noite, em meio das gargantas da serra, mau grado a vigilancia da cavallaria, começa o tiroteio, os soldados caem como tordos a tiros disparados por mãos invisiveis. Uma descarga cerrada e todos se sumiram. Quando pudérem voltar á aldeia, os guerrilheiros acharão viveres abundantes onde o pobre general não encontrou meio pão sequer para matar a propria fome.

Guerrilheiros houve afamados, e todos por certo se lembram ainda do lendario Cura de Santa Cruz, o terrivel carlista que inspirou a Alphonse Daudet um dos seus melhores contos tão artisticamente imitado em felicissimos versos pelo fallido poeta portuguez Gonçalves Crespo.

Muitas guerrilhas em Portugal se tornaram justamente celebres, e mais que todas a do valente Remexido, que tanto, ainda depois da convenção de Evoramonte, deu que fazer na serra do Algarve as tropas do exercito liberal.

Ainda hoje é decantado o seu nome nas pro-

¹ Vide *Chronica Occidental* do n.º 967 do *OCCIDENTE*.² Vide *OCCIDENTE*, vol. XIX, pag. 108.



SALÃO «PORTUGAL» NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA — A SESSÃO SOLEMNE DO DIA 8 DE JULHO DE 1897

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

vincias do sul, e o Remexido apresentado à veneração dos estranhos como verdadeiro heroe.

Velhas lithographias retratando o Remexido com as suas grandes barbas e famosa espingarda, emmolduradas, cobertas por uma cambrã que as livre da poeira das estradas, ainda hoje se vêem por todas as hospedarias, invariavelmente fazendo symetria ao retrato de João de Deus, cujo olhar doce parece estar sonhando amores ou afagando os canudos loiros d'uma cabecinha de creança.

São duas glorias algarvias e pertencem-lhes esses logares d'honra.

São innumerables as lendas do Remexido; não ha um ponto d'aquella serra, que elle conhecia tão bem, onde d'elle se não conte uma heroicidade praticada, um d'estes actos de bravura ou gene-

a velocidade do movimento dos cylindros. Os dentes, ou puas, das *escarduças*, pequenos, e em grande numero, servem para abrir a lã e completar o trabalho começado nas *argueiradeiras*. Alguns corpos estranhos que ella pode ainda conter, separam-se na *escarduça*, d'onde sae a lã aberta e limpa, para não voltar ou para ser ainda uma vez *escarduçada*, depois de azeitada.

Depois de se haver *escarduçado* a lã, é preciso azeitá-la. Em quasi todas as fabricas da Covilhã se fazia, segundo affirma Fradesso da Silveira, esta operação no sobrado, perdendo-se muito azeite.

Em uma das melhores que elle teve occasião de visitar, depois de observar detidamente uma *escarduça* de ponta de diamante, «muito digna de

em sentido opposto aos do tumbor ou cylindro maior.

Em algumas fabricas da Covilhã, os sortidos de cardas são inglezes, isto é, compostos de duas cardas. Da primeira saem mantas, e da segunda, mechas.

Em outras funcionam os sortidos de tres cardas, que differem umas das outras pela finura do puado. Nas fabricas tambem se encontram funcionando as cardas hespanholas ao lado dos sortidos inglezes, francezes ou belgas, ou uns e outros simultaneamente.

A lã cardada é desengrossada antes de entrar nas bancas de fição. O desengrosso não é mais do que uma primeira fição executada pela ultima carda. Havia-o tambem continuo.



SONHANDO — QUADRO DE TAMBURINI

rosidade, que fazem abrir ambiciosamente para a gloria os olhos dos pequeninos, attentos em volta da lareira às historias do bisavô.

Hoje para todos os cantos da provincia ha estradas reaes, caminhos de ferro, telegraphos; as machinas modernas de guerra ceifam as vidas às dezenas em cada tiro. O guerrilheiro ja pouco terá que fazer em novas luctas que estejam para vir.

Pois é pena. Os contos á lareira nas longas noites d'inverno vão perdendo pouco a pouco os seus melhores assumptos.

A Covilhã e a Industria dos Lanifícios

IV

Concluido do n.º 667)

Das *argueiradeiras* passa a lã para as *escarduças*, em que é maior o numero de dentes, e maior

ser mencionada» viu que a operação de azeitar a lã com azeite, oleo de linhaça, potassa e agua, se fazia n'uma caixa com grande aceio e notavel economia.

Admirou-se bastante Fradesso da Silveira de que se não uzasse aquelle melhoramento n'outras fabricas, rivaes d'esta, se não superiores pela importancia da producção, ou pela perfeição dos machinismos.

Hoje, pelas materias primas empregadas, verifica-se que o azeitar se faz tambem com oleina, o que tem notaveis vantagens, e é desde muito uzado pelas fabricas estrangeiras.

Depois de azeitada, a lã passa para as *cardas*, onde se opera a separação dos filamentos.

A lã cardada fica mais igual, e os fios na disposição mais conveniente para se entrelaçarem, como convém para os tecidos.

As cardas são compostas de um cylindro grande, em volta do qual giram outros cylindros de menor diametro, com puas ou dentes, dispostos

Das bancas do desengrosso sae a lã para as da fição, a fim de se converter em barbim ou trama: o primeiro para urdir, a segunda para tecer.

Encarola-se a urdidura ou barbim para urdir, e encanela-se a trama para entrar nas lançadeiras do tear.

Esta operação foi depois um pouco simplificada, vindo logo a maçaroca da banca de fição para a urdideira, e sobre os fusos collocavam-se canelas de lata, que d'alli iam para a lançadeira.

Feito isto tudo, urde-se, e gruda-se o fio, antes de tecer.

Fradesso da Silveira conta que as urdideiras nas fabricas da Covilhã eram de dois antigos systemas, e que na sua visita ali, em 1860, não vira nenhuma urdideira redonda, como as que funcionavam em outras fabricas do paiz. Para grudar, empregava-se a colla animal, mais conveniente para os fios, porque favorece a tecedura.

A estas operações preliminares, segue-se atar e tecer em teares manuaes. As fabricas mais consi-



UM GUERRILHEIRO, NA PENINSULA

duos que nos teem rodeado atravez da existencia. E esta uma divida que poucos se lembram de pagar reconhecendo com veneração os beneficios da amizade.»

Entre esses poucos distingue-se o auctor das *Horas Perdidas*, um livro que todo elle é um altar erguido á santa veneração dos membros femininos da familia.

E esta encantadora concepção poetica não é, no auctor, um exagero sentimental. O caracter espontaneo da manifestação artistica revela o facto psychologico automatico, que se conhece pelo nome de inspiração.

O exame de uma obra d'arte faz-se, em regra, encarando a por todas as phases: social, moral, psychologica e esthetica. As *Horas Perdidas* são um livro que, visto atravez d'esses diversos prismas, tem o raro condão de satisfazer a todos elles; e tanto basta para accentuar a belleza artistica da obra e a individualidade litteraria do auctor.

Em qual escola se filia o livro?

O sr. Sanches de Frias, prevendo a pergunta, respondia-lhe anticipadamente na advertencia da primeira edição. Lá dizia elle: «Este livro não visa encomios, nem pleitua escolas, a que quer ser estranho.»

O auctor é classico ou romantico, idealista ou realista, symbolista ou nephelibata?

Não nos importa a qualificação do poeta. Ainda ha pouco um notavel critico francez, Henri Rochefort, apreciando uma obra d'arte, e por signal de um artista portuguez, dizia: «É encantadora, seja qual for a escola a que pertença,

porque em questões de esthetica e de genero, ha apenas duas especies de pintores: os que teem talento e os que o não teem.» Pintores ou poetas, todos são artistas; e em coisas de esthetica, como diz o eminente jornalista, a questão é de talento.

Ora da suggestão das poesias que compõem as *Horas Perdidas* deduz-se a natureza e phisionomia do auctor, o seu temperamento e o seu caracter; e estas qualidades, que procedem de causas physiologicas e de condições moraes, estão afirmando o talento poetico do sr. Sanches de Frias.

Para o comprovar basta a pureza, a corrección, a naturalidade e a simplicidade das suas poesias.

As diversas formas de metrificaçã, que o auctor emprega, demonstram que elle cultiva a poesia em todos os seus generos. A arte maior, a redondilha menor, os hendecasyllabos, toda essa variedade metrica e rithmica serve ao poeta para os desafogos do seu formoso lirismo.

A inspiração accende-se-lhe e inflama-se-lhe nos infortunios, nas tristezas, nas alegrias, nas recordações.

Veja-se, por exemplo, a ternura d'estes versos, que o poeta dedica á memoria de sua mãe (Pag. 18):

«Imagem santa de um aspecto loiro,
pálido e terno, e de um caracter nobre!
ó mãe, ó sempre mãe, acolhe o livro,
que os seios da minha alma te descreve.

Não sei se ha claridade n'estas sombras;
se lá se desenhava scintilha d'ouro,
proveio da tua alma... é seu legado...
herança do teu fúlgido tesouro.»

Agora esta suavissima e saudosa elegia á sombra adorada de uma irmã querida, elegia que, com o sub-titulo «A Meia Noite», começa assim (Pag. 44):

Encobre as azas de oiro
com teu veu,
E vem, ó anjo loiro
lá do ceu.
Oh! desce... é esta a hora... o irmão te espera
corre, meu anjo, vem...
pomba fugida em plena primavera
do seio á nossa mãe.

Mais além a poesia *Os meus amores*, no album de um amigo, em que a piedade filial inspira ao poeta estas sentidissimas estrophes (Pag. 64):

«Quem sabe, meu amigo, se as estrellas
á terra descerão,
e para que não possam conhecê-las,
em vultos de mulher se tornarão?

E olha que esta dos ceus vem ver um filho;
é estrella tambem
Eu creio conhecê-la pelo brilho.
Sabes quem seja?
Amigo... é minha mãe.»

Depois o poemeto *Hontem e Hoje*, onde ha versos repassados de santa adoração pela esposa estremecida (Pag. 141):

«Mirei-te ainda em susto... e achei-te n'uma esfera,
velada por um veu que os anjos tem nos dedos!
e não te perguntei quem eras... d'onde vinhas...
porque te conheci, sem ler os teus segredos.

Bem hajas, filha! Vêz?... eu já sou crente... eu creio
na fé jurada... eu creio em ti... no teu condão!
eu creio que és tu o sol da minha vida,
como hontem foste a luz da minha redempção.»

Ainda depois estas duas quadras *N'um leque*, quadras tão simples e tão formosas (Pag. 200):

«O leque tem por fadario
um constante movimento;
o seu giro é sempre vario,
como é vario o pensamento.

Gravar, pois, no seu tecido
voto, ideia ou sentimento
é gastar tempo perdido...
lançar palavras ao vento.»

Estes versos são um modelo de simplicidade e singeleza; e como estes ha muitos nas paginas do livro.

As *Horas Perdidas* são, pois, uma collecção de bellas poesias, ou antes um escriptorio de joias litterarias.

A edição é acurada e primorosa. N'ella apresenta o auctor duas novidades: uns graciosos desenhos devidos ao lapis esperançoso de sua filha, e uns commentarios em prosa como annotação a cada uma das poesias. Os commentarios, diz elle, são uma coisa velha lá por fóra e quasi nova entre nós, onde, que lhe lembre, foi apenas realisada, em parte, nas *Escavações Poeticas* de Castilho.

O grande Camillo tambem tentou esse genero no prologo dos seus ultimos versos, *Ao Anoi-tecer da Vida*. E, por signal, um formoso prologo, que vale bem o livro inteiro.

A collaboração artistica de uma senhora, filha do auctor, é uma nota encantadora a realçar a belleza do livro; e os commentarios em prosa completam o valor das *Horas Perdidas*, que, como obra d'arte e como livro do coração, merecem a estima de todos os que presam e amam as boas letras.

Tondella, 23 de junho de 1897.

Eduardo Duarte.

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez. Desde já se recebem encómmodas na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39